

RESUMO:

Há mais de três décadas Marilene Weinhardt vem se dedicando às nebulosas relações entre os discursos histórico e ficcional, tratando de traçar uma cartografia das fronteiras entre literatura e história. Nesse sentido, realizou uma sólida reflexão sobre a questão, partindo de textos teóricos originados em vários quadrantes, canalizando-os para a realidade latino-americana, no caso daqueles produzidos em outros contextos. A contribuição mais significativa, porém, é sua aplicação na leitura de um importante corpus literário produzido nas últimas décadas no âmbito da literatura brasileira. Tais leituras, mais que entender as intrincadas relações temáticas (e também formais), entre literatura e história, tratam de “dar conta de facetas da realidade brasileira e contribuir na delimitação dos esfumados contornos da identidade nacional” (WEINHARDT, 2002, p. 158). A partir desse legado teórico, o presente trabalho faz uma leitura panorâmica da obra de María Rosa Lojo (1954), seguindo as trilhas dos elementos históricos e da memória cultural argentina figurados na obra da escritora. Filha de exilados espanhóis que se fixaram na Argentina onde ela nasceu num interessante entre-lugar cultural, ela vem produzindo há três décadas uma obra multifacetada que circula entre a ficção, a história e a memória, num variado entretecido de formas e temas. Ler Maria Rosa Lojo pela ótica do pensamento crítico de Marilene Weinhardt é um exercício de literatura comparada que enriquece o pensamento dessas duas latino-americanas ilustres, demonstrando que a integração cultural platina deixa de ser uma quimera para transformar-se numa realidade pujante.

Palavras-chave: *narrativa ficcional histórica; literatura, memória, história; María Rosa Lojo.*

* FCL-UNESP-Assis.

ABSTRACT:

For more than three decades Marilene Weinhardt has been dedicating her studies to the hazy relationship between historical and fictional discourse, trying to draw a map of the boundaries between literature and history. In this sense, she made a strong reflection on the issue, from theoretical texts originating from various places, channeling them to the Latin American reality, in the case of those produced in other contexts. The most significant contribution, however, is its application in the reading of an important body of literature produced in recent decades within the Brazilian literature. Such readings, more than understanding the intricate thematic (and formal) relations, between literature and history, try to “give account of the facets of the Brazilian reality and contribute to the definition of smoky contours of national identity” (WEINHARDT, 2002, p. 158). From this theoretical legacy, this paper makes a panoramic reading of the work of María Rosa Lojo (1954), following the tracks of the historical element and the Argentine cultural memory presented in the writer’s work. Daughter of exiled Spanish parents who settled in Argentina where she was born in an interesting cultural in-between, she has been producing for three decades a multifaceted work that circulates between fiction, history and memory, a varied texture of form and themes. Reading María Rosa Lojo from the perspective of critical thinking of Marilene Weinhardt is a comparative literature exercise that enriches the thought of these two distinguished Latin Americans demonstrating that the platinum cultural integration is no longer a dream but becomes a vibrant reality.

Keywords: *historical fictional narrative; literature, memory, history; María Rosa Lojo.*

ESTEVEES, A. R.
*História e
Memória em
María Rosa
Lojo (Tributo
a Marilene
Weinhardt)*

“No entanto, passado e memória são constantemente permeados
por um terceiro elemento: imaginação”.

(WEINHARDT, 2004, p. 31)

1. “Herdeira da memória do exílio”

(...) a experiência individual e do passado familiar ousam a aparecer
sem subterfúgios (...)

(WEINHARDT, 2005a, p. 133)

Autora de uma ampla lista de títulos que tem como marca principal o trânsito por um entre-lugar discursivo em cujas fissuras florescem obras que propositalmente embaralham os gêneros tradicionais, María Rosa Lojo ostenta uma considerável produção literária desde sua estreia no panteão literário argentino em princípios dos anos oitenta. O primeiro livro de poemas é *Visiones*, de 1984; o primeiro livro de contos é *Marginales*, de 1986; e o primeiro romance é *Canción perdida en Buenos Aires al Oeste*, de 1987. A partir daí vieram mais de duas dezenas de títulos e uma série de prêmios literários. Da mesma forma, seus livros vêm sendo traduzidos a diversas línguas e tem sido objeto de estudo em vários pontos do mundo.

Nascida em um país chamado exílio, essa argentina produto da diáspora republicana espanhola cresceu numa zona de fronteira em que se misturavam pelo menos três culturas diferentes, mas até certo ponto contíguas. À Argentina de uma “*Buenos Aires al Oeste*”, em Castelar, onde se fixou a família, corredor de saída para a imensidão do mítico pampa, somam-se a Espanha castelhana da mãe nacionalista, obrigada pelas circunstâncias a deixar sua Madri querida e a Galiza desse pai republicano socialista que esperou ansiosamente a morte do ditador Franco sem poder regressar ao torrão natal. Foi educada em uma escola argentina, que lhe ensinou uma pátria diferente daquelas que tinha em casa, em uma língua também diferente do castelhano materno e do eventual galego paterno.

Tendo que circular, desde o nascimento, pela diversidade cultural e, em muitos momentos, também linguística; especialista em traduções culturais, María Rosa Lojo acabou por enveredar pelo caminho das letras, talvez o mais propício para a construção de sua identidade senão em constante trânsito, pelo menos bastante provisória. Doutora em Letras pela Universidade de Buenos Aires, pesquisadora do CONICET argentino, ela desenvolveu com brilho uma carreira acadêmica, ao longo da qual vem se dedicando ao estudo da literatura e da cultura argentina, com vários livros e ensaios publicados tanto em seu país, quanto no exterior.

No entanto, nesse amplo e diversificado campo de atuação podem-se encontrar algumas linhas norteadoras. Tanto na crítica quanto em sua criação literária, uma presença constante é a reflexão sobre a identidade do argentino, tecida no limiar do provisório, no entre-lugar (SANTIAGO, 1978) de conceitos moventes e passageiros sobre os quais se erigiu o discurso fundador daquela cultura, desde o século XIX: ou seja, civilização *versus* barbárie. Dissolver o maniqueísmo desse binômio, um tópico literário, mito e anátema político (LOJO, 2004a, p. 115), onde o primeiro termo representa o que veio do centro, da Europa civilizadora, e o segundo representa a exuberância da natureza local e a forma como os primeiros colonizadores trataram de adequar-se a ela, é o objetivo de quase todas as obras da escritora.

Nesse contexto, serão temas constantes, em sua variada obra, tanto o exílio quanto a fronteira, os limites das margens e dos gêneros e o papel da mulher nessa cultura. Na ampla lista de sua obra ficcional, chamam atenção seis romances históricos e três volumes de contos também urdidos no limite entre a ficção e a história, na modalidade narrativa denominada por Weinhardt como “ficção de caráter histórico” (1994, p. 49) ou simplesmente ficção histórica (2011). Curiosamente, o século XIX, momento em que a cultura argentina assenta suas bases e a literatura argentina publica seus textos fundadores, tem sido visitado tanto por sua pesquisa crítica quanto por sua ficção. Nesse conjunto, algumas obras têm como protagonistas os próprios escritores e cujo tema principal é a discussão da construção do universo literário argentino que, ao mesmo tempo, aborda temas caros à construção discursiva da identidade nacional. Assim, não apenas a biblioteca cultural ocidental e o arquivo histórico nacional, mas especialmente o arquivo literário nacional, são constantemente visitados e relidos pela escritora.

2. “Fronteiras e margens”

A diluição das fronteiras não só entre as formas, mas até entre os gêneros, e mesmo entre os códigos diferentes, não é um fenômeno inusitado na arte contemporânea.”
(WEINHARDT, 2002b, p. 148)

Etimologicamente, “fronteira” vem de *frons*, *frontis*, que também dá ori-

gem a frente e a frente. Assim, a mudança do ponto de vista é necessária. Não mais a atalaia distante, a última fortaleza diante do território inimigo, mas um cara a cara. Estar frente a frente, não com o inimigo, mas com o outro que afinal de contas pode, em seus olhos, refletir nossos desejos. Olhar o outro, ser olhado pelo outro. Desejar o outro, ser desejado pelo outro. Um outro que muitas vezes está dentro de nós e que só pode ser identificado pelo olhar de outro. Ou, de modo invertido, como na imagem no espelho.

A fronteira deixa de ser então uma linha divisória para tornar-se um lugar de comunicação, conforme Boaventura Souza Santos (1993). Já não há apenas este lado do rio e o outro lado do rio: há também o cruzar o rio, o mais importante, nesse processo. Além de abarcar amplos domínios, as fronteiras geralmente são porosas, permeáveis, flexíveis: são marcadas pelos deslocamentos (HANCIAU, 2005, p. 133).

O mais interessante é a mudança (LOJO, 2001, p. 87), diz um personagem do conto “El Alferez y la Provisora”, do volume *Amores insólitos de nuestra historia* (2001), de María Rosa Lojo. Trata-se do tropeiro dom Antonio de Erauso, em sua última conversa com a Provisora, depois de ter sido o alferes dom Alonso Díaz Ramírez de Guzmán, a freira Catalina de Erauso ou o aventureiro Francisco de Loyola, entre outros. Nascido no final do século XVI, com corpo de mulher, e educado como freira desde criança, ele assume outras identidades, principalmente as de pícaro, aventureiro, soldado, jogador ou galanteador. Eventualmente contará e recontará sua história, voltará a usar o hábito religioso, encerrado em um convento. Tornará a ser homem outra vez, demonstrando que os deslocamentos não serão apenas geográficos.

Suas pernas fortes suarão por diversos caminhos do velho e do novo mundo: Espanha, Itália e praticamente todo o domínio espanhol da América, dos atuais territórios da Argentina e do Chile ao México, atravessando a cordilheira dos Andes várias vezes. Um constante deambular. Da mesma forma que cruza fronteiras naturais e físicas, também muda sua vestimenta e desempenha o rol social que o momento e o lugar exigem. Sua existência histórica é um singular exemplo de deslocamento de fronteiras e transposição de gêneros.

Dentro dos princípios da narrativa de extração histórica (TROUCHE, 2006), María Rosa Lojo transporta Erauso da história para a ficção, extrapolando uma fronteira mais, a dos gêneros textuais. Ela também dilui a fronteira dos tempos, ao trazer para o presente o relato das aventuras do passado dele, suscitando leituras plurais, não apenas do passado, como forma de romper discursos totalizantes e hegemônicos, mas também como forma de apresentar aos olhos do presente a possibilidade de ultrapassar limites considerados imutáveis durante muito tempo.

Processo similar ocorre com a visão do estrangeiro apresentada na história de amor entre Gabriel Iturri e o conde de Montesquiou-Fézensac, núcleo do conto “El Extranjero”, do mesmo volume. Embora os deslocamentos espaciais sejam menos grandiloquentes (os tempos são outros, as comunicações são mais

ágeis), Gabriel executa um movimento oposto ao da freira-soldado. Se Catalina de Erauso sai do Velho Mundo para exercitar a liberdade no Novo Mundo, onde por aqueles tempos tudo era permitido, Iturri abandona um Novo Mundo já dobrado aos modais do Velho Mundo e se dirige, numa viagem de retorno, ao Velho Mundo que então experimenta diferentes formas de ser.

Os movimentos do leque sinalizam esse movimento de ir e vir, de transpor normas e fronteiras. Se na provinciana Tucumán, em sua infância, o menino necessitava travestir-se e sob os trajes femininos, no teatro, podia representar/viver o papel que desejava, uma vez em Paris já não é necessária a farsa. Passará então a viver uma espécie de entre-lugar genérico, o do *dandy* efeminado, a meio caminho entre o masculino e o feminino. Nem um e nem outro: um e outro ao mesmo tempo. Embora o amor que vive ainda não possa, portas afora, dizer o seu nome; portas adentro, trata-se de um amor entre dois homens. O amor possível, real, entre dois homens, não mero espetáculo teatral. E todos os que frequentam o palácio dos amantes sabem disso. São homens dos limiares do século xx que não necessitam, como no caso da freira-guerreira do século xvii, travestirem-se, mas que podem, instalados nessa privilegiada terceira margem, viver sua vida, deslocando fronteiras e transgredindo gêneros.

Uma vez mais a ficção histórica rompe fronteiras, juntando nas duas pontas de um arco, o tempo do relato, onde esse amor era possível e existia, apesar do discurso hegemônico fingir que não existe, e o presente da narração, limiares do século xxi, quando já não se necessita encenar mais. A única encenação possível neste tempo é aquela que circula entre as naturais dúvidas existentes em uma identidade que deixou de ser fixa e passou a ser cambiante.

Assim, na fronteira entre literatura e história, María Rosa Lojo tece seus relatos entrecruzando fios de variada procedência. O resultado é um tecido, diferente e multicolorido, onde categorias tradicionais como gênero e fronteira se esgarçam fazendo brotar de suas riscas, significados múltiplos e ambíguos. Nesse contexto, a leitura dos relatos do livro *Amores insólitos de nuestra historia*, ilustra a ruptura de gêneros e o deslocamento de fronteiras, norte que direciona a tessitura dessas histórias de amor pouco lembradas por um discurso hegemônico que trata de encobrir fissuras. Pelas manchas do discurso literário, celebram-se então esses amores já não mais insólitos, mas criadores de uma nova realidade, prenhe de encontros e comunhões, em busca da unidade perdida nos estertores do mito (LOJO, 2001, p. 17).

Os dicionários costumam definir “insólito” como algo incomum ou pouco frequente. Também pode ser aquilo que se opõe às regras, à tradição. Enfim, o que se apresenta sob o manto do estranho. Nisso certamente pensava María Rosa Lojo ao escolher o título de *Amores insólitos de nuestra historia* para uma coletânea de relatos, tecidos no limiar entre ficção e história. Tais relatos contam insólitas histórias amorosas ocorridas com personagens que circulam, com maior ou menor frequência, pelos livros de história da Argentina.

O amor, por suas particularidades, geralmente associado ao mundo da sexualidade, é tratado como um sentimento pouco palpável e de difícil enquadramento no âmbito do racional. Da mesma forma, a história, que antes de se converter em ciência no século XIX, reunia relatos que costumavam misturar o factual com prodígios, mesclando acontecimentos mágicos e fatos cotidianos. Movendo com habilidade os fios narrativos, a narradora tece seus relatos, tratando de apresentar um enfoque diferente da história argentina, com suas gretas e fissuras. O mágico, o maravilhoso e o fantástico contribuem para expor uma realidade múltipla, na qual, a terra americana e seus primitivos habitantes, ocupam um relevante espaço e dando voz a atores normalmente excluídos da construção da história e da identidade argentina. Excêntricos e exóticos personagens ocupam, assim, não apenas o centro dos relatos, mas também o comando das narrativas, protagonizando uma série de amores que apesar de insólitos são históricos. Ou vice-versa.

3. “A cidadela literária (ou quando a história literária vira ficção)”

“Fazer com que escritores compareçam como personagens não se constitui exatamente uma novidade na literatura ocidental”.
(WEINHARDT, 1998, p. 104).

No desvanecimento entre as fronteiras dos gêneros tradicionais, com a mistura de vários tipos de discurso, também o diálogo entre a ficção e a historiografia literária se torna usual. Nesse contexto, é rentável a expressão “metaficção historiográfica”, de Linda Hutcheon (1991), uma vez que entre as narrativas de ficção histórica há uma categoria que ficcionaliza a figura de intelectuais em geral, entre os quais estão os escritores. Escrever a história da literatura a partir da própria literatura é um caminho bastante trilhado pela metaficção historiográfica.

Nessas narrativas, a intertextualidade ocorre não apenas com a obra do escritor ficcionalizado, mas com toda a historiografia da literatura do período em que ele se insere. Muitas vezes, discutem importantes questões como a construção do cânone ou o papel do leitor e da crítica na construção e manutenção desse cânone, construção discursiva de determinado momento que flutua com o passar do tempo.

Na ampla lista da obra ficcional de María Rosa Lojo, destacamos aqueles títulos cujos protagonistas são os próprios escritores e cujo tema principal é a discussão da construção do universo literário argentino que, ao mesmo tempo, aborda temas caros à construção discursiva da nacionalidade. Através de uma sutil recriação do ambiente intelectual do século XIX, a escritora trata de discutir e de desconstruir o cânone literário de seu país, trazendo à tona um debate que

ainda hoje atíça os ânimos naquele meio intelectual. Ao colocar escritores como protagonistas de suas narrativas de extração histórica, ela traz para o umbral do século XXI, com novos matizes, a discussão do papel do intelectual na construção do discurso que erige a nação.

Considerando a limitação natural deste trabalho, comentaremos brevemente quatro textos que trazem escritores como protagonistas: três romances e um conto. Seguindo a ordem cronológica de seus protagonistas na historiografia literária argentina, o primeiro deles é o conto “Amar a um hombre feo”, pertencente à já referida coletânea *Amores insólitos de nuestra historia*. Um de seus protagonistas é Domingo Faustino Sarmiento (1811-1888), sem dúvida o intelectual mais importante do século XIX argentino. Em seguida, serão abordados três romances que também tratam de escritores: *La pasión de los nómades* (1994) tem como protagonista o coronel Lucio Victorio Mansilla (1831-1913), cuja obra *Una excursión a los indios ranqueles* (1870), se contrapõe, de certa forma, ao binômio civilização-barbárie, inaugurado por Sarmiento em seu *Facundo* (1840). *Una mujer de fin de siglo* (1999) trata de Eduarda Mansilla (1834-1892), uma das primeiras escritoras das letras argentinas, cuja obra, na mesma direção daquela de seu irmão Lucio, também procura mostrar uma Argentina que destoa do modelo vigente, seja pelos temas, seja por seu ponto de vista feminino. A última obra discutida, *Las libres del Sur* (2004), já ambientada nas primeiras décadas do século XX, aborda a formação intelectual de Victoria Ocampo (1890-1979), fundadora da revista *Sur*, e ficcionaliza o momento em que a mulher finalmente ingressa no panteão literário nacional, não sem resistências, evidentemente.

Ao contar a história de uma aventura amorosa do já velho e feio Sarmiento através das cartas de sua amada, a preterida jovem norte-americana Ida Wickersham, o conto apresenta um Sarmiento multifacetado; paradoxal, mas humano; que surge da visão privilegiada da amada, filtrada pelo desejo de mulher apaixonada que consegue enxergar nele não apenas o político que não mede esforços para conquistar seus objetivos, mas um homem solitário e fragilizado, que além do poder, também busca a realização do amor. A sensibilidade da escritora, consciente de que o olhar feminino, pouco considerado no estabelecimento do discurso da nação e do cânone literário, oferece outro prisma. Enriquece a leitura da vida e da obra desse homem que idealizou a construção de uma nação civilizada no deserto da barbárie argentina (HALPERIN DONGHI, 2005), mesmo que para isso não se devesse poupar sangue de “gauchos” (LUNA, 2004, p. 93). Contraditório, frágil e passível de engano como qualquer ser humano, mesmo quando se esconde atrás de um discurso aparentemente bem articulado, o Sarmiento que surge do conto difere da imagem infalível erigida pelos manuais escolares e do louco definido por seus inimigos políticos.

Transitando numa espécie de entre-lugar discursivo, no limite entre ficção e história, literatura e ensaio, María Rosa Lojo (1996) costuma afirmar que o estudo da literatura argentina do século XIX, que trata da ocupação das fron-

teiras, espaço conquistado aos nativos em uma série de guerras de extermínio, acabou por direcionar sua obra ficcional. Nesse sentido, pode-se dizer que sua carreira como romancista se consolida com a publicação, em 1994, de *La pasión de los nómades*, que tem como um dos protagonistas Lucio Victorio Mansilla, imortalizado no panteão literário por sua obra *Una excursión a los indios ranqueles* (1870). Esse romance, no entanto, foi idealizado e escrito paralelamente a *La "barbárie" en la narrativa argentina – Siglo XIX*, publicado no mesmo ano, livro em que Lojo estabelece, no âmbito da crítica, uma cartografia do discurso da barbárie, tão solidamente assentado nas letras argentinas.

Escritor, explorador, excursionista, militar, diplomata, político sem sorte, *gourmet* e quase *dandy* profissional, como o personagem se define nesse romance (LOJO, 2008, p. 40), Mansilla era sobrinho de Juan Manuel de Rosas (1793–1877), que durante décadas governou de modo sangrento, segundo seus desafetos, aquele país que acabaria dando origem à atual Argentina. Filho de um general, Lucio Victorio, da mesma forma que sua irmã Eduarda, teve a formação da elite de seu tempo, num verdadeiro entrecruzar da civilização e da barbárie. Como membro da oligarquia local, frequentou escolas cujo modelo era europeu e pode ler os principais clássicos do século XIX, de onde muitas ideias incorporou, não apenas no campo literário, mas também no político. Descendente de uma família “*criolla*”, ele cultivou aquilo que Sarmiento estabelece como pilar da barbárie e teve contato direto com o sistema econômico e social vigente, além de ter viajado praticamente por todo o país e ter participado, como militar, dos diversos conflitos de seu tempo.

Para tratar das aventuras e desventuras de Mansilla, elevado à categoria de protagonista de seu romance, Lojo se vale de uma complexa trama. Em seis partes, alternam-se duas vozes narrativas, que subvertem tempos e espaços convencionais, contando viagens espaciais e temporais. A primeira delas é um personagem ficcional, Rosaura dos Carballos, fada descendente da Morgana das sagas celtas, que abandona sua Galiza natal disfarçada em condição humana, numa viagem neo-imigratória, para refugiar-se na Argentina de fins do século XX. A segunda voz é do fantasma trans-histórico Lucio Victorio Mansilla que, cansado do monótono paraíso em que fora jogado, regressa à sua terra para observar como andam as coisas durante os primeiros anos do governo Menem (1989–1999). Recebendo um corpo provisório pelas mágicas de Rosaura, ele decide com ela, Merlin e o ajudante de ordem Manuel Peña, refazer o antigo périplo à terra dos “*indios ranqueles*”. Das aventuras desse grupo vagando nos rastros da aventura de Mansilla do século XIX trata o romance em questão.

Muito já se escreveu sobre *La pasión de los nómades*, talvez o ponto máximo da narrativa de Lojo. Nele aparecem de modo exemplar temas e formas que se repetem ao longo de sua obra, como a dissolução das dicotomias civilização-barbárie, campo-cidade, feminino-masculino, memória-esquecimento, centro-periferia, entre outras, como aponta Marcela Crespo (2008), em um dos

principais trabalhos sobre a escritora.

Profundamente metaficcional, a obra traz como protagonista um escritor que já no século XIX dialogava de forma exemplar e dual com o cânone estabelecido por Sarmiento. Por um lado, o livro de Mansilla se vale do modelo estabelecido em *Facundo* para a literatura nacional, ou seja, a mistura de gêneros (JITRIK, 2009, p. 60). Se a obra prima de Sarmiento pode ser lida como romance, ensaio histórico, geográfico, sociológico, ou mesmo manifesto político; da mesma forma, o livro de Mansilla também pode ser lido como romance, gênero epistolar, livro de viagens, ensaio histórico, sociológico, antropológico, ou manifesto político. (LOJO, 1994, p. 131)

Ao longo de *La pasión de los nómades*, Eduarda Mansilla de García, a irmã mais nova de Lucio, aparece retratada de modo carinhoso pelo irmão. Também fantasmal, ela dialoga com ele e se aproxima de Rosaura na esperança de descobrir o paradeiro de um baú perdido, no qual se extraviaram cartas e manuscritos. No entanto, apesar da aparição pontual nesse romance, cinco anos mais tarde, ela volta às páginas da ficção de María Rosa Lojo, desta vez como protagonista, em *Una mujer de fin de siglo*.

Pode-se considerar Eduarda como alguém que tentou cortar as amarras que prendiam as mulheres, mesmo aquelas das classes dominantes, a uma pauta unificada de comportamento. Embora tivesse se casado e constituído família, mãe de seis filhos, esposa de um diplomata que peregrinou por várias partes do planeta representado sua exótica república austral com pretensões de civilizada, ela tentou romper essa pauta. No entanto, autora de vários romances e livros de viagens, alguns dos quais publicados com pseudônimo masculino, ela não conseguiu um espaço relevante na república das letras, então dominada por circunspectos varões que destinavam à mulher o papel de lúbrica cortesã ou de angelical esposa e mãe carinhosa. Ao romper com o estereótipo, ela nem sempre foi compreendida e sofreu na carne o preço de sua insubordinação.

Assim, *Una mujer de fin de siglo* traz para as páginas do romance as reflexões de outra mulher de fim de século, a já reconhecida escritora María Rosa Lojo, que reconta a história de Eduarda, um século mais tarde. Já no prólogo, se reitera que não se trata de uma biografia, mas de um romance inspirado na vida da escritora. O contraponto, que em *La pasión de los nómades* se fazia com o ensaio sociológico e com o relato de viagens, agora se faz com as escritas do eu, biografias, autobiografias e livros de memórias. Também aparecem relatos de viagens, pela própria particularidade da vida de Eduarda.

Sem as rupturas temporais ou os elementos mágicos de *La pasión de los nómades*, a narrativa serena de *Una mujer de fin de siglo*, mais linear e realista, defende o direito da mulher de ser tratada com igualdade nessa sociedade desigual que era a sociedade argentina do século XIX. Contra o destino imposto pelas normas sociais construídas pela moral burguesa controlada pelos homens, rebela-se a protagonista do romance. Contra esse destino também se rebelam as

protagonistas de *Las libres del Sur*, romance que Lojo publica em 2004.

Apesar de o romance trazer no título um plural que deixa muito claro tratar-se de um conjunto de mulheres, o subtítulo dirige o olho do leitor para uma protagonista que concentra a representação de todo um gênero: *Una novela sobre Victoria Ocampo*. Também indica que o livro não se trata de mais uma biografia da grande intelectual argentina, fundadora da revista *Sur*.

Em suas quatro partes, o romance recria o ambiente cultural da cosmopolita Buenos Aires das primeiras décadas do século xx, que se orgulhava de ser civilizada, e conta as relações de Victoria Ocampo com intelectuais estrangeiros que ela protegeu e pelos quais, de certa forma, esteve enamorada. O Prêmio Nobel Rabindranath Tagore (1861-1941) visitou Buenos Aires em fins de 1924 e foi hóspede de Victoria por dois meses. O filósofo espanhol José Ortega y Gasset (1883-1955), que já tinha estado no país em 1916, regressa em 1928-1929. O filósofo alemão Hermann von Keyserling (1880-1946), depois de mais de um ano de troca epistolar, encontrou Victoria em Paris, em janeiro de 1929. Apesar da frustração desses encontros, para ambos, ele veio a Buenos Aires ainda nesse ano, para uma série de conferências. Já o norte-americano Waldo Frank (1889-1945), com quem Victoria também manteve longa correspondência e com quem se entrevistou em Nova Iorque em 1929, foi um grande incentivador da criação de *Sur*, finalmente levada a cabo em 1931.

O romance, no entanto, traz para suas páginas outros intelectuais, tanto estrangeiros quanto argentinos, com os quais Victoria conviveu no período em que se consolidou sua formação intelectual, entre 1924, ano da visita de Tagore, e 1931, ano da publicação de *Sur*. Entre os estrangeiros estão o escritor francês Pierre Drieu de La Rochelle (1893-1945) e os arquitetos Le Corbusier (1887-1965) e Walter Gropius (1883-1969). O grupo argentino é composto especialmente pelos nomes que constituíram a equipe de redação de *Sur*: Eduardo Mallea (1903-1982), Maria Rosa Oliver (1898-1977) e Jorge Luís Borges (1899-1986), entre outros. Além deles, têm referência especial Leopoldo Marechal (1900-1970) e Roberto Arlt (1900-1942), dois vanguardistas que circulavam pela Buenos Aires daqueles anos.

Consciente de que arte e literatura são uma constelação simbólica que representa determinada comunidade, que inclui um imaginário, os valores, a memória, os conflitos e os medos dessa comunidade; consciente de que a literatura possibilita a experiência muitas vezes catártica de identificação, de reconhecimento e de indagação nos estratos mais profundos de um grupo social (LOJO, 2004a, p. 109), Maria Rosa Lojo também se vale do importante papel do intelectual. Em primeiro lugar, como crítica literária, tenta mostrar como se constrói o discurso identitário de seu país, a partir do pensamento literário. Como escritora, valendo-se das técnicas específicas dessa arte, como a ironia ou o riso regenerador, ela tenta desconstruir tais mitos, apontando suas fragilidades. Da mesma forma que se pode construir um discurso, também se pode desarmá-lo, como

um perito desarma uma bomba. Através das palavras, organizadas em eficiente discurso.

Passados mais de um século e meio desde a construção do mito glorificador da civilização, assentado em ideias oriundas do centro, pode-se constatar que tais construções discursivas não impediram no caso da cultura argentina a reiteração da violência e da opressão. O discurso hipócrita dos próceres tampouco tem ajudado os argentinos a superarem o trauma original da violência da colonização. Eliminar o nativo do discurso nacional, fingindo tratar-se de uma sociedade branca e europeia, não contribuiu para os argentinos resolverem seus problemas de identidade. Confiante na força da palavra, María Rosa Lojo, valendo-se da memória literária, retorna aos intelectuais do mesmo período da construção do mito e, através da releitura de suas obras, tenta encontrar elementos dissonantes não levados em conta ou pouco considerados pelo cânone. Em sua discussão da “literatura de fundação” (WEINHARDT, 2000, p. 86), centra-se principalmente em intelectuais considerados ex-cêntricos, como podem ser os irmãos Mansilla, para neles buscar elementos desprezados pelo discurso hegemônico. Seja a mulher, o indígena ou o gaúcho mestiço, na obra de Eduarda; seja o indígena ou o mesmo gaúcho, no caso de Lúcio V. Mansilla. Da mesma forma, a voz e o papel da mulher aparecem retomados através da ação e dos escritos de Victoria Ocampo ou das cartas de Ida Wickersham dirigidas a Sarmiento.

Ao ficcionalizar esses escritores, mostrando facetas pouco consideradas de suas obras e retomando suas palavras, a narrativa de Lojo resgata discursos esquecidos ou pouco considerados. Trazendo-os à tona, tenta encontrar outras soluções possíveis, trata de buscar novos caminhos para resolver velhas questões, feridas que resistem a cicatrizar.

Para proceder a explícita dissolução do par maniqueísta civilização-barbárie, a escritora se vale de uma inversão do enfoque que se constitui no ponto mais importante de sua obra. Desse modo, em especial nas narrativas aqui trabalhadas, opera-se um deslocamento da voz narrativa para a mulher, que vem lutando para conseguir um espaço na república das letras, neste caso particular a argentina, desde os primórdios da constituição de um sistema cultural e literário próprios. A isso se dedica Maria Rosa Lojo, com a releitura da república letrada que apresenta em suas narrativas históricas. No entrecruzar de vozes conjuradas, apócrifas ou emprestadas, flui um imenso caudal de palavras, entre as quais navega o leitor.

4. “Literatura, história, memória”

“Para todos nós há uma zona de penumbra entre a história e a memória, entre o passado como registro geral e aberto a um exame mais ou menos isento e o passado como parte lembrada ou experiência de nossas vidas”.

(WEINHARDT, 2002b, p. 15)

A pensadora argentina Beatriz Sarlo abre seu livro *Tempo passado: Cultura da memória e guinada subjetiva* afirmando que o passado é sempre conflituoso. A memória e a história travam uma verdadeira queda de braço na tentativa de recuperar, através da reorganização de fragmentos que sobrevivem, um relato possível. Na complexa tarefa de captar o que já passou concorrem inúmeras variantes que extrapolam qualquer decisão individual ou coletiva. Há no passado, “algo inabordável”, uma espécie de lembrança que “irrompe no momento em que menos se espera ou como a nuvem insidiosa que ronda o fato do qual não se quer ou não se pode lembrar.” (SARLO, 2007, p. 9). Como as “visões de passado” são construções discursivas, uma vez que o tempo do passado surge no presente através da organização regida por procedimentos narrativos, tais construções, através de uma ideologia, tratam de criar um “*continuum* significativo e interpretável do tempo.” (SARLO, 2007, p. 12).

Decorrente da superação da história positivista vigente no século XIX, nota-se nas últimas décadas aquilo que Sarlo denomina de “guinada subjetiva” (2007, p. 15), quando o cotidiano ocupa o centro como forma de refutar as imposições do poder material ou simbólico. Nesse contexto ocorre, na representação do passado, uma valorização de detalhes e sujeitos marginais que, relativamente ignorados em outros modos de narração do passado, demandam agora diferentes métodos “e tendem à escuta sistemática dos ‘discursos da memória’: diários, cartas, conselhos, orações.” (SARLO, 2007, p. 17).

Tal material acaba incorporado pela literatura que usa a imaginação para preencher os espaços vazios que surgem nos interstícios da memória e da história. Decidida, desde o princípio, a encontrar uma terceira via que garantisse uma identidade possível, María Rosa Lojo conta em *Árbol de familia* (2010), a saga de sua família de desterrados, lançando mão de amplo repertório de relatos familiares. Também se vale da vasta tradição oral, na qual, em linhas gerais circula a cultura galega e da cultura escrita, a sólida tradição literária, no caso dos castelhanos. Embora a capa do livro indique claramente que se trata de um romance, outros paratextos (GENETTE, 2009), como a dedicatória, por exemplo, trazem-no para um curioso entre-lugar discursivo, “zona indecisa” onde se embaralham história, memória e ficção.

É a partir desse privilegiado lugar que escreve María Rosa Lojo. Ao encenar um jogo discursivo em que embaralha propositalmente sua memória pessoal com a memória de membros de sua família, recolhidas, selecionadas e organizadas por ela mesma, embora explicita essas vozes narrativas, invertendo ou contestando os discursos hegemônicos de determinados momentos, a escritora cria um relato assentado em uma zona de errância e de tensão. Como lugar de trânsito, ela cria a imagem de um corredor que equivale a um entre-lugar, uma zona porosa de fronteiras permeáveis e flexíveis, pelas quais pode-se deslocar facilmente (HANCIAU, 2005, p. 133). Terceira margem, caminho do meio,

zona de contato, entre outros, são diferentes denominações para essa zona criada pelo descentramento que debilita esquemas tidos até então como centralizados de unidade, pureza e autenticidade (HANCIAU, 2005, p. 127). A mulher toma a palavra, reorganiza a memória familiar e desconstrói o discurso hegemônico, criando um texto que flui e se transmuta, do romance ao poema, da crônica à epístola, do documento à narrativa, do relato de costumes ao relato maravilhoso, do ensaio à ficção. (LOJO, 2011).

Por esse corredor, que faz transcender espacialidades e temporalidades convencionais, por onde circularam seus personagens, também circula o discurso por ela proposto. Para superar o trauma do desterro e do exílio, cria-se uma espécie de memória apaziguada, memória reconciliada, memória feliz (RICŒUR, 2007, p. 504). Trata-se de um lugar onde tornar a ser o que já foi e o que não era. Recuperar o verdadeiro ser, intocado pelo desengano, pela guerra, pelo trabalho, pela doença e pela morte (LOJO, 2010, p. 133). Um lugar onde se está e não se está. Esse corredor, que aponta insistentemente para o além, mas através do qual também se pode fazer o caminho inverso, “só poderá incorporar a energia inquieta e revisionária do além se transformar o presente em um lugar expandido e ex-cêntrico de experiência e aquisição de poder” (HANCIAU, 2005, p. 136). Isso parece ensinar ao leitor o texto de María Rosa Lojo.

Também de história e memória trata o último romance de María Rosa Lojo, *Todos éramos hijos* (2014). Frik, a protagonista, uma espécie de *alter ego* da própria escritora, guarda em seu escritório dezenas de caixas azuis de cartolina plastificada, identificadas e classificadas, onde coleciona o mundo de sua pequena memória. São seus arcanos pessoais, as memórias de sua linhagem, um bosque de documentos, fotografias, fotocópias, anotações, recortes de jornal. São os andaimes dos livros que tinha escrito e também as marcas de todas as obras que tinha lido. Em um momento de apoteose ela decide deixar de fugir, abre uma última caixa, até então escondida, e penetra em seu universo.

Seguindo a tendência da época, que privilegia o indivíduo ao encenar o passado (WEINHARDT, 2015a, p. 132), usando mais memória que história, com alta dose de autoficção (FIGUEIREDO, 2013), a escritora traz para o romance os percalços de sua própria geração, desde fins dos anos sessenta, centralizando a ação na última ditadura argentina, com suas funestas consequências. Misturando os fios da memória, da história e da ficção, ela oferece aos leitores um discurso metaficcional, altamente performático, onde se representa e tenta representar os caminhos entrecruzados de um grupo de jovens que sonharam construir um mundo diferente e acabaram se perdendo nos interstícios desse sonho.

E assim, de suas caixas-arquivo, a narradora vai retirando os documentos a partir dos quais orchestra a encenação do passado individual inscrito no passado da coletividade. Essa encenação da lembrança-imagem (RICŒUR, 2007, p. 69), ocorre em forma teatral, no nível temático, mediada pela narração. A imagem da lembrança transforma-se, então em relato. Num texto em que o vivido e o

escrito se confundem, a encenação do passado individual, duplamente representada no romance, o inscreve em um passado coletivo. Em todo caso, embora se equilibre tenuamente entre a história e a ficção, a narrativa de Maria Rosa Lojo não pretende ser história. Pode, portanto, circular livremente pela fantasia e até mesmo pelo delírio, por que não? Desaparece, dessa forma, o poder absoluto do arquivo, substituído pela criação literária.

5. Obras (quase) paralelas

“Criar em literatura é estabelecer diálogos entre textos”.
(WEINHARDT, 2015a, p. 122).

Há mais de três décadas Marilene Weinhardt vem se dedicando às nebulosas relações entre os discursos histórico e ficcional, tratando de traçar uma cartografia das fronteiras entre literatura e história, com o objetivo de “oferecer uma revisão bibliográfica e conceitual que permita ao leitor retomar a discussão, de forma sucinta, tal como ela se desenvolveu nas três últimas décadas do século XX”. (WEINHARDT, 2015a, p. 105). Nesse sentido, realizou uma sólida reflexão sobre a questão, partindo de textos teóricos originados em vários quadrantes, canalizando-os para a realidade latino-americana, no caso daqueles produzidos em outros contextos.

A contribuição mais significativa, porém, é a aplicação desse referencial teórico e metodológico na leitura de um importante corpus literário produzido nas últimas décadas no âmbito da literatura brasileira. Tais leituras, mais que entender as intrincadas relações temáticas (e também formais), entre literatura e história, tratam de “dar conta de facetas da realidade brasileira e contribuir na delimitação dos esfumaçados contornos da identidade nacional” (WEINHARDT, 2002b, p. 158).

Também há mais de três décadas María Rosa Lojo vem trabalhando a mesma questão em duas frentes. No âmbito da crítica literária produziu uma série de textos onde de uma forma ou de outra discute essa questão. Mais significativo para estas páginas, no entanto, é seu legado literário que transita, como é marca da literatura desse período, pelos vários gêneros.

Levando em conta a importância do deslocamento do eixo teórico-crítico para a América Latina quando se trata da produção literária mais recente (WEINHARDT, 2011, p. 51), consideramos apropriada a leitura da obra da escritora argentina a partir da sistematização do legado teórico da professora paranaense. Acreditamos que a leitura em paralelo da experiência brasileira realizada por Weinhardt ao longo dessas mais de três décadas com a experiência hispano-americana, na qual está incluída a obra de Lojo, enriquece os contrapontos e ajuda a iluminar a questão.

Ler Maria Rosa Lojo pela ótica do pensamento crítico de Marilene Wei-

ESTEVEES, A. R.
*História e
Memória em
María Rosa
Lojo (Tributo
a Marilene
Weinhardt)*

nhardt é um exercício de literatura comparada que enriquece o pensamento dessas duas latino-americanas ilustres, demonstrando que a integração cultural platina deixa de ser uma quimera para transformar-se numa realidade pujante.

- CRESPO BUITURÓN, Marcela G. *Andar por los bordes. Entre la historia y la ficción: el exilio sin protagonistas de María Rosa Lojo*. Lleida: Facultad de Letras de la Universidad de Lleida, 2008. (Tesis de Doctorado).
- FIGUEIREDO, Eurídice. *Mulheres ao espelho*. Autobiografia, ficção, autoficção. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.
- GENETTE, Gerard. *Paratextos editoriais*. Trad. Álvaro Faleiros, Cotia: Ateliê Editorial, 2009.
- HALPERÍN DONGHI, Tulio. *Una nación para el desierto argentino*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2005.
- HANCIAU, Nuncia. Entre-lugar. In FIGUEIREDO, Eurídice (org.) *Conceitos de literatura e cultura*. Niterói: Ed. UFF; Juiz de Fora: Ed. UFJF. 2005. pp.125-142.
- HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- JITRIK, Noé. *Panorama histórico de la literatura argentina*. Buenos Aires: Ateneo, 2009.
- LOJO, María R. *Amores insólitos de nuestra historia*. Buenos Aires: Alfaguara, 2001.
- LOJO, María R. *Árbol de família*. 2.ed. Buenos Aires: Sudamericana. 2010.
- LOJO, María R. *La "barbarie" en la narrativa argentina. Siglo XIX*. Buenos Aires: Corregidor, 1994.
- LOJO, María R. *Canción perdida en Buenos Aires al Oeste*. Buenos Aires: Torres Agüero, 1987.
- LOJO, María R. Diálogo con Mercedes Giuffré. In GIUFFRÉ, Mercedes. *En busca de una identidad. La novela histórica en Argentina*. Buenos Aires: Ed. del Signo, 2004a. pp. 109-127.
- LOJO, María R. Fronteiras, finesterras e corredores. Do clichê ideológico à polissemia simbólica. In PINTO, Aroldo J. A.; MACHADO, Madalena; VILAVA, Walnice (Orgs.) *Nas dobras do mundo, a literatura acontece*. São Paulo: Arte e Ciência, 2011.
- LOJO, María R. *Las libres del Sur*. Buenos Aires: Sudamericana, 2004b.
- LOJO, María R. *Una mujer de fin de siglo*. Buenos Aires: Debolsillo, 2007.
- LOJO, María R. Nuevas fronteras en el fin de milenio. *Cuadernos Americanos*, Nueva Época, México, N° 56, Vol. 2, p. 71-86, Marzo-Abril 1996. Disponível em www.mariarosalajo.com.ar. Acesso 31 jul 2010.
- LOJO, María R. *La pasión de los nómades*. Buenos Aires: Debolsillo, 2008.
- LOJO, María R. *Todos éramos hijos*. Buenos Aires: Sudamericana, 2014.
- LUNA, Félix. *Domingo F. Sarmiento*. Buenos Aires: Planeta; La Nación, 2004.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história e o esquecimento*. Trad. Alain François et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

ESTEVEES, A. R.
*História e
Memória em
María Rosa
Lojo (Tributo
a Marilene
Weinhardt)*

SANTIAGO, Silvano. O entre-lugar do discurso latino-americano. *In Uma literatura nos trópicos*. Ensaios sobre dependência cultural. São Paulo: Perspectiva, 1978.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado*. Cultura da memória e guinada subjetiva. Trad. Rosa Freire D'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Ed. UFMG. 2007.

SOUZA SANTOS, Boaventura. Modernidade, identidade e a cultura de fronteira. *Tempo Social. Revista de Sociologia*. São Paulo. USP, 5 (1-2), p. 31-52, 1993. *In* <http://www.fflch.usp.br/sociologia/temposocial/site/images/stories/edicoes/v0512/Modernidade.pdf>. Acesso em 28 de agosto de 2010.

TROUCHE, André Luiz Gonçalves. *América: história e ficção*. Niterói: EdUFF, 2006.

WEINHARDT, Marilene. Considerações sobre o romance histórico. *Revista Letras*, Curitiba, n.43, p. 49-49, 1994.

WEINHARDT, Marilene. Ficção e história: retomada de antigo diálogo. *Revista Letras*, Curitiba, n.58, p. 105-120, jul/dez 2002a.

WEINHARDT, Marilene. A ficção histórica depois de 2010: primeiros apontamentos. *Cadernos literários – FURG*. Rio Grande, v. 23, p. 121-135, 2015a, disponível em <https://www.seer.furg.br/cadliter/issue/view/496>. Acesso em 10 jun 2016.

WEINHARDT, Marilene. *Ficção histórica e regionalismo*. Estudo sobre romances do sul. Curitiba: Ed. UFPR, 2004.

WEINHARDT, Marilene. Filhos da geração de 1960/70: herdeiros da memória. *In* WEINHARDT, Marilene. (Org.). *Ficções contemporâneas. História e memória*. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2015b.

WEINHARDT, Marilene. *Mesmos crimes, outros discursos*. Algumas narrativas sobre o Contestado. Curitiba: Ed. UFPR, 2002.

WEINHARDT, Marilene. Quando a história literária vira ficção. *In* ANTELO, Raul et al. (Org.) *Declínio da arte - Ascensão da cultura*. Florianópolis: ABRALIC; Letras Contemporâneas, 1998, p. 103-110.

WEINHARDT, Marilene. Romance histórico: das origens escocesas ao Brasil finissecular. *In* WEINHARDT, Marilene. (Org.). *Ficção histórica: teoria e crítica*. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2011.

WEINHARDT, Marilene. O romance histórico na ficção brasileira recente. *In* CORRÊA, Regina H. M. A. (Org.) *Nem fruta nem flor*. Londrina: Humanidades, 2006.

WEINHARDT, Marilene. Revisitação ficcional à cidadela literária. *In* LIMA, Rogério & FERNANDES, Ronaldo Costa. (Orgs.). *O imaginário da cidade*. Brasília: Ed.UnB; São Paulo: Imprensa Oficial. 2000, p. 67-87.